



# **Futebol** **a Paixão do Brasil**

Football: the Brazilian Passion

David Coimbra, Evandro Teixeira, Eduardo Bueno, Fernando Bueno, Fernando Mello,  
Ibsen Pinheiro, Jorge Furtado, José Antonio Moraes de Oliveira, Leonel Kaz,  
Marcelo de Campos Pinto, Marcelo Ferla, Orlando Brito, Paula Taitelbaum,  
Paulo César Vasconcellos, Ricardo Chaves e Rogério Reis

Ou, como ensinava mestre Didi, treino é treino, jogo é jogo.

Muito particularmente, tenho uma tese, que padece de comprovação e por isso não chega a ser uma teoria – afinal, nada é mais prático do que uma boa teoria –, enquanto as teses servem para que digamos o que quisermos sem necessidade de comprovar. Minha pequena tese é de que uma diferença genial do futebol foi a invenção do goleiro.

O futebol é um esporte singular, em que vinte se dedicam a um só objetivo, simplíssimo, de enfiar a bola em determinado buraco, e dois únicos atletas se dedicam à negação do esporte, como se fossem adversários da modalidade, não praticantes dela. Eles, os goleiros, sabem disso, só não confessam. Formam uma espécie de confraria, identificam-se mais com os colegas do outro lado do campo do que com seus companheiros de equipe, até pela cor diversa dos fardamentos e por essa licença especialíssima que a regra lhes confere, de botar a mão na bola e com isso contestar o próprio nome da competição, além de habitarem, como notou consagrado cronista, um lugar onde a grama não nasce.

Teses à parte, é irrefutável que, pelo conjunto do seu regimento, o futebol repete, a cada noventa minutos, as incertezas dos embates da vida, com uma diferença, que é todo o seu encanto: no apito final, acabam-se todas as dúvidas, e a verdade do resultado torna-se eterna, imutável, congelada para todo o sempre, como nenhuma outra coisa que conheçamos. Nem mesmo a morte, que para a grande maioria é apenas um rito de passagem para um recomeço sonhado que não terá jamais o apito final.

Por tantas singularidades, o futebol só admite a definição de único. É por isso que os adeptos de todas as demais modalidades – do iatismo ao xadrez, da esquiagem à columbofilia – praticamente sem exceção também cultivam os seus times de futebol para torcer. É por essa identificação transcendental – além do apoio, acima da preferência, alheia a qualquer critério racional de escolha – que o futebol passou a constituir, ao longo do século XX, um fator essencial da identidade urbana no mundo todo, distinguindo ambientes cada vez mais parecidos, e ombreado, nessa singularização, com fatores de idade secular ou milenar, como a genética, a língua, a cultura.

Foi nesse contexto que surgiu essa criação mágica do espírito humano nos dias contemporâneos, o clube de futebol, produtor de um grau de identificação que atravessa todos os limites e vence todas as barreiras, a ponto de popularizar o paradoxo de uma verdade inquestionável para qualquer torcedor: “Meu time não tem goleiro,

are there not to fight for something but to fight against it, as if they were the sport's enemies. The goalkeepers know it but will never confess. They form a kind of brotherhood, they can relate more with their opponents than with their own teammates – just look at the different colors on their uniforms, and their unique license to touch the ball with their hands, which goes against the very name of the competition and, as noted by a famous commenter, dwells where the grass never grows.

It is irrefutable, though, that due to its rules, football repeats during its 90-minute the uncertainties of life, with a single difference that is also its main charm: when the final whistle blows the truth and the score become final and eternal, forever frozen, like nothing else we know of. Not even death, considered by most to be just a rite of passage for a new beginning, where the final whistle is never blown.

With so many singularities, football could only be defined as unique. That is why even all other fans of different sports – from sailing to chess, from skiing to pigeon racing – have their own favorite football team. This transcendental identification – beyond mere support and favoritism, the support over preferences, unclassifiable by any rational criteria – is why football has acquired throughout the 20<sup>th</sup> century status of a common urban identity shared globally, distinguishing places that have become growingly alike, and walking side by side, in terms of singularity and reach, with institutions that have lived for centuries like genetics, language and culture.

It was in that context that the magic advent of the contemporary human spirit was created: the football club. The essential element that produces an identification that surpasses all limits and rises above all other issues, as far as to spread the paradox of an unquestionable truth for any fan: “My team has a lousy goalkeeper, and the attack and defense are terrible, the stadium sucks and the board of directors is incompetent, results are always depressing... but my team is the greatest!”

The urban tribes in which clubs divide also bring us together. Nothing is more like a Vasco fan than a fan of its archnemesis, Flamengo – I hope they don't read this! – and that is precisely the reason why they spend time pointing out each other's real and imaginary differences, wherever they are, to highlight the rivalry – take the examples of Real Madrid and Barcelona, Milan and Internazionale, Chelsea and Arsenal, Vasco and Flamengo, Corinthians and Palmeiras, Internacional and Grêmio, and a whole gallery of well known rivals from everywhere, with one thing in common: “my team is the greatest!”







Cinejornal e ficar mais informado. Evidente que o rádio era o carro-chefe – para usar uma expressão daqueles tempos. Ele tinha suas limitações, é claro, mas o mundo não sabia. Muito pelo contrário. Nos contentávamos com o que recebíamos – e o que nos chegava era o máximo. Quem não sonhou em ser narrador esportivo ou não pensou em entrar rádio adentro para comemorar um gol marcado pelo time de coração?

Não apenas o futebol entrava nas casas pelas ondas do rádio. O mesmo se aplicava às notícias do mundo. O fim da II Guerra Mundial, a morte de Getúlio Vargas, o apito final de um jogo do Brasil. Tantas e tantas coisas que viravam assunto no dia seguinte. Era tamanha a importância do rádio que no horário nobre lá estava o “Repórter Esso”. O Brasil parava para ouvi-lo, especialmente quando na voz de Heron Domingues. Um senhor íntimo de todos os lares brasileiros. Não chegava a ter assento à mesa de jantar, mas participava da última refeição do dia com direito a ser o único a trazer informações privilegiadas.

Se o noticiário do dia a dia, com suas mazelas e crises, deixava o querido ouvinte preocupado ou aliviado, a transmissão do jogo servia para colocá-lo à beira do gramado e, ocasionalmente, fazê-lo viajar. Como era boa aquela sensação de que a bola havia passado raspando à trave; que a defesa do nosso goleiro fora um feito impossível, assim como era incômodo ouvir falar da entrada criminosa do zagueiro adversário. Não era possível que aquele destemperado continuasse em campo!

A ausência de imagem pouco importava. O locutor – narrador veio depois – era um condutor, um maestro, um guia durante os 90 minutos de bola rolando. Tinha uma responsabilidade que hoje só fez aumentar. E se transformava na voz mais importante do país ao longo daqueles 90 minutos. O dono da verdade. Se dizia que o time A estava mal, ou que pressionava, era assim e ponto. Quem ousaria discordar de voz tão poderosa? E ainda havia o comentarista para explicar como o time B criava tantas oportunidades e as desperdiçava uma após a outra. E quando surgia um lance controverso, a figura do comentarista de arbitragem entrava em campo; alguns com vitupérios tonitruantes; outros, mais serenos, para dirimir qualquer tipo de dúvida. Conheciam-se o juiz como “Sua Senhoria” e o hoje assistente nada mais era do que um mero “bandeirinha”.

Ao vivo, o público também fazia – e ainda faz – parte do espetáculo. Os lugares com os preços mais populares se caracterizavam pela convivência íntima e pacífica entre apaixonados por times rivais. Dava para observar claramente, em alguns pontos da plateia, a democracia que o jogo de futebol nunca deixou de estimular. Não havia limite e nem

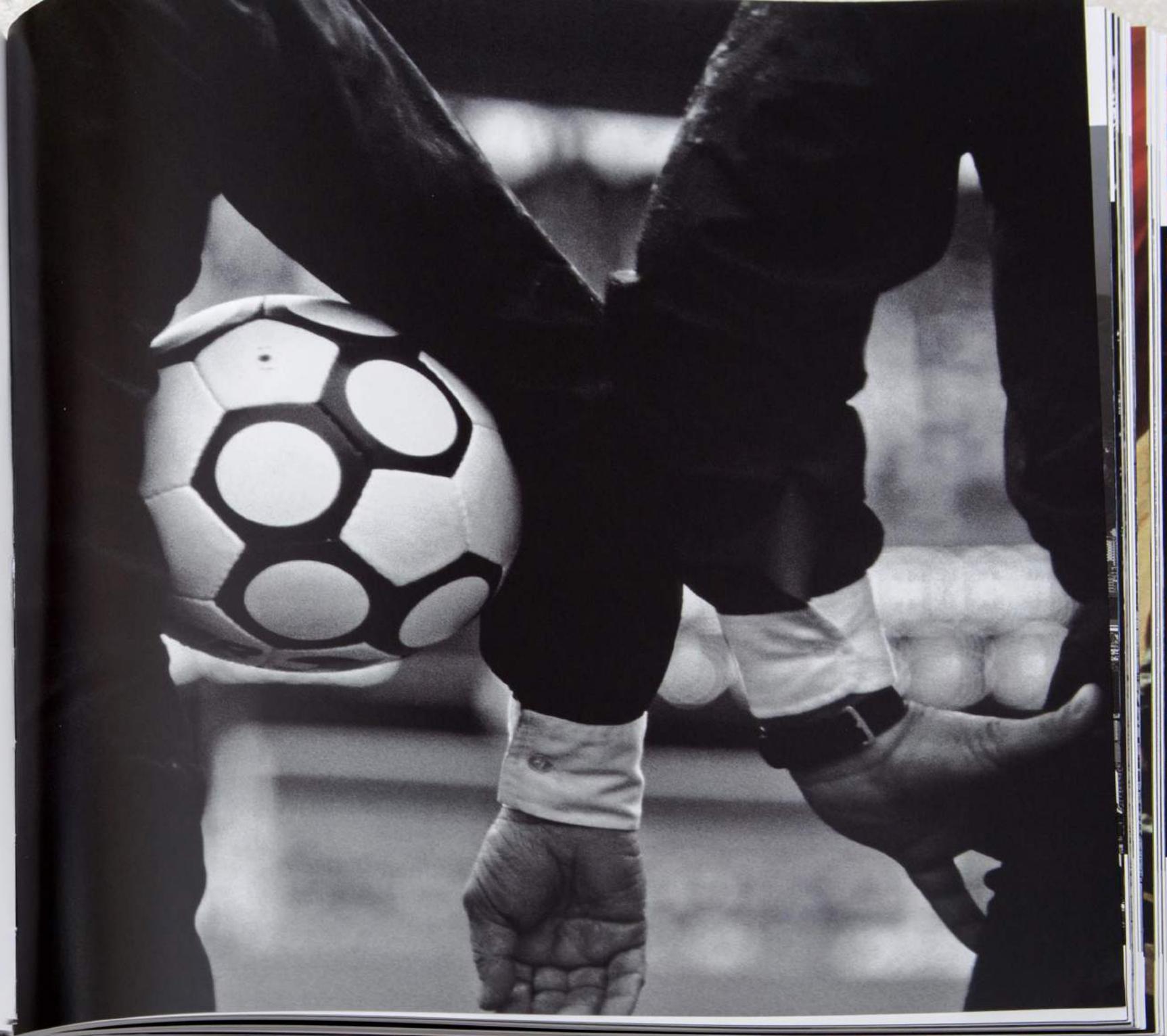
the flagship – to use an expression from those times. It had its limits, obviously, but the world didn't know any better. Quite to the contrary. We were perfectly content with what we were getting – and what arrived was the best. Who has never dreamed of being a sports commentator or diving into the radio itself to celebrate a goal scored by their favorite team?

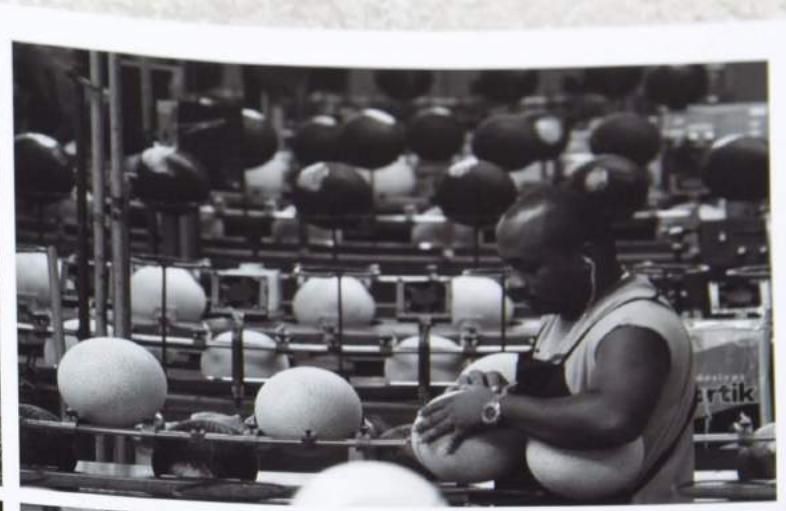
It wasn't just football that found its way into people's homes on the radio waves. The same applied to world news. The end of the Second World War, the death of Getúlio Vargas, the final whistle blown on a game played by Brazil. So many events that would become the next day's talk of the town. Radio news was so important that prime time included the program “Repórter Esso” (news program sponsored by United States' Standard Oil Company). All of Brazil would stop to listen, especially when it was narrated by Heron Domingues. There was a man who was welcome in every Brazilian home. He might not have had his own seat at the dinner table, but he took part in the last meal of the day and was the only one with the right to bring privileged information.

If the news, with its daily tragedies and crises, left its beloved listeners worried or relieved, the games that were broadcast played the important role of placing them fieldside and, on occasion, taking them on a journey. How wonderful it was to imagine the ball just skimming the goalpost; that your goalkeeper had done the impossible, in the same way as it was agonizing to hear about the illegal entry of the opponent's fullback into the goal area. How could they keep that rule breaker in the game?

The lack of image was of little importance. The announcer – narrators came later – was a conductor, a maestro, a guide for the 90 minutes the ball rolled. He bore a level of responsibility that only grew larger over time and became the nation's most important voice over the course of those 90 minutes. The owner of truth. If he said that team A was playing poorly, or putting on the pressure, that was it, end of discussion. Who dared disagree with such a powerful voice? Then there was the commentator to explain how team B created opportunities, wasting one after another. When a controversial play arose, the figure of the commentator would be right there beside the referee on the field – some would give their opinions in vociferous tones of voice, while others would comment more calmly, to settle any doubts. The referee was referred to as “Your Honor”, while today's assistant was nothing more than a “little flag-waver”.

Live, the audience also took part – it still does – in the spectacle. The cheapest seats were characterized by the close – and peaceful – quarters kept by fans from rival teams. It was possible to clearly see, at some spots in the audience, the democracy the game of football has never ceased to stimulate.







## O Espírito da Coisa

fotografias de ROGÉRIO REIS

Rogério, como bom súdito, decidiu prestar reverência à rainha do espetáculo. A prima-dona: a pelota, a gorduchinha, a redonda. Aquela que devemos tratar com intimidade – mas sempre chamar de o coração do jogo e ir fundo no espírito da coisa, Rogério entrou numa das maiores fábricas de bolas de futebol do Brasil. Saiu de lá com imagens da gênese daquela que rola para dar vida ao jogo das nossas vidas. Cheias de ar e cheias de graça, feitas por máquinas e mãos para viver nos nossos pés – embora quem esteja de joelhos sejamos nós, fiéis vassallos da redonda. Rogério deu no couro e nos deixou dar tratos à bola.

## The Spirit of It

photos by ROGÉRIO REIS

Rogério, like a good subject, decided to pay homage to the queen of the spectacle. The chubby prima donna. The one we must treat with intimacy – but always address with respect. You guessed it, I speak of Her Majesty, the Ball. Able to dissect the heart of the game and get deep into the spirit of it, Rogério visited one of the largest football manufacturers in Brazil. He left there with images of the creation of that which rolls to give life to the game and to our lives. Full of air and full of grace, made by both machine and hands to live at our feet – even though we are the ones on our knees, faithful subjects to the ball. Rogério hit the spot and left us to sort out the rest.



*"Corria o ano de 1911. Vejam vocês: 1911! O bigode do kaiser estava, então, em plena vigência; Mata Hari, com um seio só, ateava paixões e suicídios; e as mulheres, aqui e alhures, usavam umas ancas imensas e intransportáveis. Aliás, diga-se de passagem: é impossível não ter uma funda nostalgia dos quadris anteriores à Primeira Grande Guerra. Uma menina de 14 anos para atravessar uma porta tinha que se pôr de perfil. Convenhamos: grande época! Grande época!"*

Nos anos 50, o jornalismo esportivo explodiu em todo o Brasil. Do litoral à "terra do espinho", jornalistas transformavam jogadores em ídolos. Thomaz Mazzoni, o Olímpicus, da Gazeta Esportiva, escrevia sagas improváveis e ungia heróis. E em 1958, com o surgimento de Pelé e Garrincha e a conquista da Copa do Mundo, os deuses do futebol brasileiro foram promovidos a deidades do mundo inteiro. Nelson Rodrigues decretou que o Brasil perdera, enfim, o complexo de vira-lata. Revistas de grandes reportagens, como a Realidade, investiam em matérias sobre futebol, e na histórica e elegante Revista Senhor, de 1960, Armando Nogueira escreveu assim sobre Pelé:

*"Tem 20 anos, entende de fotografia, chuta com os dois pés, namora (escondido da imprensa) uma garota de Santos, tem voz de barítono, pele negra acetinada, é sonso na área enquanto a bola não vem, ganha cerca de 300 mil cruzeiros por mês, gasta 30 e manda o resto para a família, em Bauru. Nasceu em Três Corações, Minas Gerais, e tem tais afinidades com o futebol que certamente nasceria bola se não tivesse nascido gente".*

Nasceria bola se não tivesse nascido gente. Em que outra editoria da imprensa seria possível esculpir uma imagem deste jaez? Só mesmo no jornalismo esportivo, que transformou o futebol numa idiosincrasia nacional, numa característica adquirida, num traço da personalidade da nação.

É por isso que a homens como Laerte, o Urso, ainda que a Natureza lhes tenha presenteado com a craqueza, faltou a mão da imprensa. Laerte, o Urso, estaria hoje num altar de semideus, se sob ele estivessem os olhos de um Nelson Rodrigues, de um Mário Filho, de um Armando Nogueira. Não só Laerte, o Urso. Não apenas ele. Há heróis de façanhas desconhecidas por todo o país, sobretudo na terra do espinho. Inclusive junto de Laerte, o Urso, esteve outro desses monstros de glórias não contadas do futebol.

Pois, durante algum tempo, Laerte, o Urso, foi treinado pelo melhor técnico de futebol do Brasil de todos os tempos. Melhor do que Telê Santana, melhor do que Ênio Andrade, melhor do que Felipão, melhor do que Zagallo. Melhor de todos. Chamava-se Acioy Sanchez,

They are compilations of texts Nelson wrote in newspapers and magazines. One of them, "Flamengo Sessentão (Flamengo, the Big Sixty)", published in *Manchete Esportiva*, in 1955, starts off irresistibly:

*"1911 has run by. 1911, can you believe it? The Kaiser's mustache was then in full effect; Mata Hari, with just one breast, spread passion and suicide; and the women, here and there, used huge and immovable haunches. In fact, it was commonly said of the passage: it is impossible not to have a deep nostalgia for the hips from before the First World War. A 14 year-old girl who wanted to pass through the door would have to turn sideways. Let's face it: those were great times! Great times!"*

In the 1950s, sporting journalism took off all over Brazil. From the coast to the "land of thorns", journalists transformed players into idols. Thomaz Mazzoni, Olímpicus, from *Gazeta Esportiva*, wrote improbable sagas and consecrated heroes. And in 1958, with the appearance of Pelé and Garrincha and the World Cup victory, the gods of Brazilian football were promoted to demigods throughout the entire world. Nelson Rodrigues decreed that Brazil would finally lose its mongrel complex. Big report magazines, such as *Realidade*, invested in articles about football, and in the historic and elegant *Revista Senhor*, from 1960, Armando Nogueira wrote the following about Pelé:

*"He is 20 years old, understands photography, kicks with both feet, dates (hidden from the press) a girl from Santos, he has a baritone, dark black skin, he is cunning in the penalty area while he waits for the ball, earns around 300,000 cruzeiros per month, he spends 30 and sends the rest to his family, in Bauru. He was born in Três Corações, Minas Gerais, and has such affinity with football that he would certainly have been born a ball had he not been born a person".*

Would have been born a ball had he not been born a person. In which other press publication would it have been possible to sculpt an image of these characteristics? Only in sporting journalism, which transformed football into a national idiosyncrasy, into an acquired characteristic, into the personality trait of a nation.

It is for this reason that men like Laerte, the Bear, even though blessed by nature with star-like skill, lacked the touch of the press. Laerte, the Bear, would today be on an altar of demigods, if Nelson Rodrigues' eyes had been laid upon him, or those of Mário Filho, or Armando Nogueira. Not just Laerte, the Bear. Not only him. There are unknown heroes with great achievements all over the country, especially in the land of thorns. In fact, together with Laerte, the Bear, was another of these giants of untold football glories.

